Até quando, filho?

Se há uma coisa que nós pentecostais sabemos produzir muito bem são frases de efeito. E como todo bom aspirante a pregador que cresce nesse meio, dediquei muito tempo da minha vida rechaçando a maioria daqueles chavões que me cercavam e que [na minha mente adolescente] não pareciam em concordância com a Bíblia.

Pra mim, Deus não tinha qualquer obrigação de “abrir uma janela” depois de uma porta ter sido fechada. Muito menos teria marcado alguma coisa na agenda dEle, principalmente depois que aprendi a palavra “atemporal” na Escola Dominical. Também não entrava na minha cabeça que alguém fosse “blindado” da morte porque alguma promessa não havia se cumprido. Depois que eu li o que aconteceu com a Galeria da Fé em Hebreus, então…

Porém, nos últimos dias, Deus tem me levado a revisitar minhas raízes e isso tem me feito um bem incalculável. Ainda não cheguei ao ponto de cantar “Sabor de Mel” (sangue e fogo!), mas é cada rajada de glória que ‘nóis’ dá que você precisa ver (rs). Evidente que continuo abominando aqueles jargões triunfalistas e todo aquele besteirol gospel que a gente [infelizmente] ainda ouve em muitos púlpitos, mas tem um em particular que começo a olhar com outros olhos: “Quem não vem pelo amor vem pela dor”

Não me lembro quando ouvi essa frase pela primeira vez, mas certamente ela estava mergulhada em alguma daquelas pregações do evangelho do cabresto. Aquele que prendia os crentes pelo medo de morrer fulminado ao tocar no cálice indignamente ou lhe sentenciava a ficar de gancho 3 meses por ter raspado as pernas (o sovaco dava pra disfarçar rs). Fato é que muita gente se converteu por medo mesmo. Mas como disse Paulo, seja por motivos falsos ou verdadeiros, o que importa é que Cristo está sendo pregado (Fp. 1.18). Então, eis o meu novo questionamento: **“Quanto tempo dura a paciência de Deus?”**

Ah, essa é fácil, professor: Lamentações! “…as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã.” Verdade! Mas e se acontecesse algo dentro de mim que me impedisse de ter acesso à essa misericórdia? Como se no meu e-mail chegasse um prêmio milionário e eu não lembrasse a senha. E mais,

tivesse tentado acessar mais de 3 vezes e agora ele tivesse bloqueado a conta por segurança?

Sabe aqueles versículos que você nem sabia que estava na Bíblia. Pois é… Provérbios diz que "quem insiste no erro depois de muita repreensão, será destruído, sem aviso e irremediavelmente." (Pv. 29.1). Forte, não é? Melhor ficarmos apenas com a Nova Aliança em que a graça é mais tranquila, certo? Pois é… E se eu te dissesse que "aqueles que uma vez foram iluminados, provaram o dom celestial, tornaram-se participantes do Espírito Santo, experimentaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da era que há de vir, e caíram, é impossível que sejam reconduzidos ao arrependimento"? (Hb. 6.4-6)

Sabe… vão surgir dezenas de questionamentos teológicos, falácia da turma do "não é bem assim", aspirantes a teólogos armados até os dentes, mas eu queria deixar algumas perguntas para sua reflexão:

Quantas vezes você já não foi ministrado sobre o perdão e continua nessa birra sem fim? Quantas vezes o Senhor já não falou com você sobre jugo desigual e você continua insistindo nesse relacionamento sem Deus? Quantas vezes Deus não te repreendeu sobre a fofoca e você continua caindo nessa cilada? (E não me venha com aquela de que foi só um comentário). É sério que você vai apostar a sua salvação brincando de ser crente?

Ei! Jesus está voltando! Minha oração nesse dia é que você volte a se santifi-

car realmente nem que seja pela dor, porque pelo menos assim você pode ser salvo. Mas queira Deus que essa palavra toque hoje o seu coração e você se renda a Ele antes que seja tarde demais.

No amor do Pai,

Roger

Santa indignação! Deus te quer feliz!?

E a mais recente treta da web se deu entre a cantora Ana Paula Valadão e a loja de roupas C&A. Para quem não sabe, a cantora expôs sua “Santa Indignação” contra um comercial da varejista em que casais trocam de roupas entre si. A cantora alega que a campanha publicitária seria uma afronta aos val-

ores cristãos e que cada pessoa deveria usar roupas condizentes ao gênero que pertence.

Enquanto a opinião da cantora restringe-se às fronteiras de seu direito e liberdade de expressão, todos (inclusive a C&A e sua campanha pela liberdade de escolha) dizem amém! O problema foi a convocação feita por Ana Paula a um boicote à rede de lojas que gerou uma santa indignação até mesmo entre os evangélicos. Evidentemente, como a popstar é considerada a Nossa Senhora da Lagoinha por muitos evangélicos, houve quem amaldiçoasse mesmo a C&A e pouco se importasse com o desemprego de seus colaboradores – embora esse tipo de ação promova muito mais publicidade do que prejuízo à marca. O boicote é mesmo um megafone!

Dentre tantos anônimos e famosos que se manifestaram contra a cantora, chamou-me atenção a vlogueira, atriz e comediante Marcela Tavares. Conhecida por não ter papas na língua, Marcela mandou um de seus famosos recados, dessa vez, à cantora mineira. Mas, sinceramente, acho que preocupar-se com o que o mundo prega aos seus asseclas talvez não seja a melhor forma de proclamarmos a verdade do evangelho. Até porque, não vi a mesma indignação ante o consumismo desenfreado ou ao trabalho escravo dessas lojas. Mas quem sou eu para corrigir Vossa Senhora, né?

Contudo, dentre erros e acertos, Marcela encerra seu vídeo com um dos maiores enganos da humanidade: **“Deus quer que a gente seja feliz!”**

A igreja não tá legal? Ah, vai pra outra!
Deus quer que você seja feliz!
Casamento não tá legal? Ah, troca de mulher!
Deus quer que você seja feliz!
Pastor tá pegando no pé só porque você curte uma balada?
Ah, para com isso… Deus quer que você seja feliz!

Não! Mil vezes não! Esse é o pensamento hedonista dessa geração em que a busca pelo prazer é o seu principal objetivo. JESUS foi muito claro quando disse: “Vocês serão meus amigos, se fizerem o que eu lhes ordeno” E essa amizade não tem um objetivo ganancioso ou de qualquer vantagem pessoal – ela tem um propósito nobre: que a alegria dEle esteja em nós e que seja COMPLETA! E para que ela seja completa é preciso permanecer obedecendo. Portanto, o propósito de Deus não é te fazer feliz, é te fazer obediente – assim, você será completo.

Que possamos mostrar ao mundo não o quanto ele está errado, mas o quanto Deus pode nos fazer completos quando a Ele obedecemos – o exemplo é o melhor ensinamento.

“Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” – João 13.35

No amor do Pai,

Roger

Tristeza ou remorso?

Em tempos remotos, quando um solteiro “comia o lanchinho antes do recreio”, das duas, uma: ou ele confessava porque sabia que metade da igreja faria uso do “dom da fermentação” e o caso chegaria ao pastor, ou seria obrigado por conta do “atraso” mesmo. Evidente que sempre houve [e sempre haverá] casos de uma confissão sincera e de um arrependimento genuíno. Com o advento das megaigrejas em que as congregações mais parecem shoppings do que comunidades de fé, os crentes tornaram-se meio independentes, e a maioria não vê a necessidade de se confessar um pecado, seja ao pastor (ou usando a orientação verdadeiramente bíblica), seja confessando uns aos outros – que aliás, é o que dá o verdadeiro sentido ao texto “a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos” (Tg. 5.16), bem diferente do triunfalismo gospel da atu-

alidade.

Mas o fato é que sem a confissão, adotamos um modelo bem mais prático para "resolver o problema". Parece que de uma hora pra outra alguns iluminados tiveram uma epifania e descobriram o significado do favor imerecido. Funciona mais ou menos assim: o indivíduo peca, sente-se mal, ora pedindo perdão e segue a vida normalmente porque ninguém é de ferro, afinal, a graça é pra isso, não é?

Não! Não é. E é preciso esclarecer alguns pontos a fim de que ninguém se engane. Por incrível que pareça, pecamos no varejo e confessamos no atacado. Pecamos em diversos itens, colocamos tudo numa cesta, e vamos ao caixa celestial com um único cheque: "Senhor, me perdoa porque a carne é fraca. Amém!"

Em nome de Jesus, não confunda. Sentir-se mal por um pecado pode na verdade ser o sintoma de algo muito mais profundo e pernicioso do que você imagina. Não que "sentir-se mal" seja errado. Acontece que APENAS sentir-se mal não configura arrependimento – isso chama-se "remorso". E o remorso é como uma dorzinha de cabeça comparado à tristeza profunda que o câncer do pecado traz àqueles que foram chamados e escolhidos por Deus.

A Bíblia diz que “a tristeza segundo Deus produz um arrependimento que leva à salvação e não remorso, mas a tristeza segundo o mundo produz morte” (2 Co. 7.9). Por isso, esse simples “sentir-se mal”, na verdade, é fruto de uma mente cauterizada e nos leva a um círculo vicioso que acaba por criar uma capa anestésica com a qual não sentimos mais a corrosão que o pecado vai causando por dentro, tal qual sapo na água que ferve aos poucos e, de repente, morre sem perceber o porquê.

Minha oração nesta madrugada é que eu jamais deixe de sentir o estrago que o pecado faz em minha vida. Que eu não chegue ao ponto de comparar meu pecado com o do outro, e assim, me iluda com a ideia de que ele não é tão grave assim. E que eu tenha a sensibilidade do Espírito Santo para sentir a tristeza que vem do próprio Deus, abandone meus caminhos maus e me converta dia após dia.

Se você deseja o mesmo, te convido a também fazer esta oração.

No amor do Pai,

Roger

“Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” – Rm. 6.1-2

Um crente morninho

"CONHEÇO AS SUAS OBRAS, SEI QUE VOCÊ NÃO É FRIO NEM QUENTE. MELHOR SERIA QUE VOCÊ FOSSE FRIO OU QUENTE!
ASSIM, PORQUE VOCÊ É MORNO, NÃO É FRIO NEM QUENTE, ESTOU A PONTO DE VOMITÁ-LO DA MINHA BOCA." - AP. 3.15-16

Desde criança sempre ouvi pregações sobre a Igreja de Laodiceia como advertência contra todo tipo de frieza espiritual. A despeito de toda insistência para que fôssemos “quentes” no sentido carismático do pentecostalismo, a verdade é que, se essa fosse a intenção do conselho divino, Deus nunca diria que melhor seria que fôssemos “frios”. A dedução óbvia é que o Senhor espera de nós, então, uma definição, nunca um meio termo.

Fato reconhecidamente histórico em muitas denominações é que a teologia acadêmica não fora adotada como obrigatoriedade na formação de novos pastores. Muitos desses, inclusive, homens indoutos, trabalhadores da construção civil, construíam bravamente suas congregações em sentido espiritual e liter-

al, dividindo o púlpito com sua colher de pedreiro. E mesmo com todo o mérito a esses desbravadores da fé, a verdade é que fomos nos acostumando e passando adiante muito da achologia cristã, sempre autenticada pelo “fervor” de seu porta-voz.

A Carta à Igreja de Laodicéia nos convoca, então, a um posicionamento firme e definido, inclusive quanto às questões de nossa fé. Quem diz “Estou rico e não preciso de nada!” é semelhante àqueles dogmáticos que aprenderam a teologia do boca a boca e não abrem mão de suas pseudoverdades por nada nesse mundo. Criticam os mais renomados teólogos, pois consideram a classe muito “fria”. Enquanto se vestem de dogmas e religiosidade, o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, os aconselha: “Comprem roupas brancas e vistam-se para cobrir a sua vergonhosa nudez.”

Frase comum dos que andam nos jargões dos pregadores itinerantes, o famoso “...é assim que eu vejo” também recebe um conselho do Soberano da Criação: “Compre colírio para ungir os seus olhos e poder enxergar”. A maneira como EU vejo, pouco importa para a verdadeira teologia cristã, pois temos um padrão chamado Sagradas Escrituras. Somos peritos em responder às questões doutrinárias com nossas opiniões bem fundamentadas na experiência religiosa. Contudo, a experiência da vida é boa, mas cada um com a sua. A

armadura do Saul não serve no Davi!
A verdadeira experiência de intimidade com o Pai está na simplicidade de abrir a porta do coração e convidar o Senhor Jesus para o jantar.

Em nome do Eterno, deixemos de lado toda inconstância e todo pensamento dúbio para com as coisas espirituais. Que paremos de titubear entre dois pensamentos. Quem vive assim é crente morno. É menino no batente da janela – meio dentro, meio fora. Que tenhamos um posicionamento firme quanto à nossa fé e o que cremos.

"…Estejam sempre preparados para responder com mansidão e respeito a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês." – I Pe. 3.15

Quem tem ouvidos, ouça!

L. Rogério

Lidando com a culpa

Dizem por aí que família é tudo igual. Ledo engano. Algumas famílias são acostumadas com o silêncio e a calmaria típica de interior. Minha família sempre foi assim. Filho único, à mesa sentávamos meu pai, minha mãe e eu. Os comentários no almoço eram sempre alternados. Ora um, ora outro, ora o silêncio – exceto nos dias de sopa, quando meu pai fazia aquele barulho irritante, motivo de graça e das reclamações de minha mãe. Já a família da Dany, bem diferente da minha, sempre acostumou-se à casa cheia. Minha sogra, muito festiva e despojada, nunca precisou de cerimônia para convidar a turma toda da igreja para o almoço.

Quando meu cunhado casou com a Renata Polastrini, então, aí sim, a casa lotou. Os Polastrinis, reconhecidamente festivos, são no mínimo uns quinze, então, quando fui morar com minha sogra, eu simplesmente não conseguia almoçar quando a família toda se reunia. E o que me espantava é que todos falavam ao mesmo tempo, alto, rindo, com a TV ligada e o mais espantoso: todos se entendiam (rs)! Graças à essa mistura maravilhosa de famílias, hoje me

adapto bem à qualquer ambiente. Como é bom ter peculiaridades em nossa família. Isso nos caracteriza. Nos torna únicos. E mais, naturalmente herdamos essas particularidades. No sotaque, nos trejeitos, nas manias.

Falando em termos espirituais a coisa não muda muito. Nossos pais na fé deixaram-nos costumes muito bons. É verdade que a maioria desses costumes, muitas vezes, não fazem muito sentido e temos dificuldade em entender de onde alguém tirou tais ideias. Mas são, quase todos, costumes saudáveis.

Temos o bom costume de dobrar os joelhos e orar ao chegar à igreja, pois nos disseram que tínhamos que "*guardar o nosso pé ao chegar à Casa do Senhor*" (Ec. 5.1). Hoje, tenho plena convicção de que isso se refere à reverência, e que não adianta orar ao chegar e murmurar ao sair, mas é um bom costume. Nossos pais também nos ensinaram a estender as mãos (com as palmas pra cima) a fim de recebermos as bênçãos apostólicas. É pura ignorância acreditar que o irmão que estava no banheiro exatamente nessa hora terá uma semana amaldiçoada, bem como acreditar que se você não fechar as mãos a bênção escapa, mas é um bom costume, pois esse caracteriza bem a Assembleia de Deus.

Porém, a Bíblia, manual de fé cristã acima de qualquer costume, ensina-nos a

"renovar a nossa mente" (Rm. 12.2), por isso precisamos aperfeiçoar alguns costumes herdados. Não podemos mais finalizar nossos sermões dizendo: *"Que Deus possa nos abençoar"*, porque Ele pode! Não precisamos pedir que *"Deus nos despeça na sua paz"* porque Ele não vai ficar na igreja, e nem devemos cantar *"eu marquei um encontro com Deus"* pois Deus não vai, Ele simplesmente está.

Mas não foram apenas os jargões e trejeitos que herdamos de nossos pais na fé. Poucas foram as mensagens que ouvi a respeito da culpa. Aliás, a tristeza que antecede o sentimento de culpa geralmente tinha que ser expulsa, pois tal como a sunamita, tínhamos que responder:*"Vai tudo bem!"*. Porém, graças a renovação de nossa mente, aprendemos que a sunamita não revelou a morte de seu filho a seu marido, nem a Geazi, porque ambos nada podiam fazer. Ficar se abrindo "que nem mala véia" a todos os que querem saber de nossos problemas não se trata de uma atitude muito sábia. A sunamita entendeu isso.

A verdade é que, diferente do que diz o evangelho triunfalista, ***há uma tristeza que Deus deseja para nós****. E Paulo diz aos Coríntios que essa tristeza nos leva ao arrependimento (2 Co. 7.9). O homem, por conta de sua consciência, algumas vezes sente remorso por suas culpas. Remorso esse que às vezes o leva à depressão ou até mesmo à morte. Já a tristeza que vem de Deus nos leva à uma sequência santificadora – tristeza, arrependimento, salvação. Paulo ainda motiva os coríntios demonstrando os benefícios dessa tristeza: dedicação, desculpas, indignação, temor, saudade, preocupação e*

desejo pela justiça (v. 11).

Porém, não podemos esquecer que somos corpo. Não vivemos isolados num evangelho mesquinho e egocêntrico, embora alguns o preguem. Muitos vivem uma vida de promiscuidade e buscam com a força do próprio braço se ver livres de sua culpa. Com isso, caem num ciclo vicioso de pecado, remorso e desculpas. Ao serem confrontados ainda apelam pro velho jargão: *"Isso é entre mim e Deus".*

Dentre os jargões que herdamos de nossos pais na fé está também o famoso: *"Onde estiverem dois ou três reunidos, ali Jesus está"*, tão utilizado nas consagrações às 7:30 da manhã e nos cultos de adolescentes, onde a igreja nos deixava sozinhos adorando ao Senhor. Mais do que uma válvula de escape e motivação para os poucos irmãos reunidos nas igrejas, o "dois ou três" ainda causa muita confusão na cabeça das pessoas, afinal, se Jesus "está" apenas com no mínimo dois, pergunto:

O que eu faço com minha culpa, já que esta geralmente me pega quando estou sozinho?

Mais uma vez, graças à renovação de nossa mente, e contra toda especulação de texto sem contexto, aprendemos que Mateus 18.15-20 não se refere à pre-

sença de Deus como se esta “fosse e voltasse” para algum lugar. Muito menos que ela dependa da presença de duas ou três testemunhas. Também não se trata do que diz a “geração profética” que junta dois ou três para “concordarem” a respeito de sua vida financeira, amorosa ou mesmo espiritual. Muito menos de um “chaveamento profético” que liga e desliga as bênçãos de Deus aqui na terra. O texto é uma pérola da graça. Na verdade, ele escancara o **absurdo** da graça. Por ela, o pecado da ofensa de um irmão é tratado, perdoado e apagado pela concordância de dois ou três reunidos no nome de Jesus. A Bíblia diz que Jesus foi entregue por nossos pecados desde a eternidade. Por mais difícil que seja para a nossa mente humana e limitada entender esse conceito, uma coisa é certa: *“nenhuma condenação há para aqueles que estão em Cristo Jesus”* (Rm. 8.1).

Não, meu irmão! Não adianta jejuar 7 dias e 7 noites a fim de que seu pecado seja perdoado. Também não há nenhuma corrente de 7 semanas que você possa fazer a fim de que Jesus te veja mais “limpinho” do que você já está pelo sangue de Cristo. Você foi perdoado na eternidade, agora basta crer. Nenhum sacrifício humano pode lhe trazer alívio para suas culpas, a não ser a fé em Cristo Jesus, que traz não apenas alívio, mas o perdão e a cura restauradora. E mais uma vez refutamos a máxima do tal evangelho da prosperidade que instiga o crente à busca de riqueza e fama através da “oração de um justo” já que essa se mostra muito eficaz. Não! Tiago nos motiva a confessar nosssos pecados uns aos outros e a orar uns pelos outros a fim de sermos curados. Nesse contexto é que ele diz que *“a oração de um justo é poderosa e eficaz”* (Tg. 5.16).

Hoje é tempo de livrar-se de suas culpas. Cristão ou não, Jesus te convida nesse exato momento a mergulhar em Sua maravilhosa graça, que limpa, purifica e cura. Confesse seu pecado, abandone-o, receba a oração de um justo e viva!

No amor do Pai,

Roger